



6º Simposio de Ensino de Graduação

LEITURA E LEITORES EM PRIDE AND PREJUDICE

Autor(es)

MARSIA ANTONIETA DE S GUILHERME

Orientador(es)

RENATA COLASANTE

1. Introdução

Pride and Prejudice, romance publicado em 1813, escrito por Jane Austen em 1797, foi um dos marcos na história do romance inglês. O gênero romance estava em declínio, já que, segundo Sandra Guardini Vasconcelos (2007) a fórmula desse tipo de literatura estava sendo incansavelmente repetida e amplamente divulgada através das *circulating library novels*, tradução da autora para os gabinetes de leitura. Jane Austen surge com uma nova maneira de escrever romance, combinando de forma genial as técnicas utilizadas por Richardson e Fielding, autores ícones do século XVIII, para compor essa nova construção do romance e conduzir esse gênero literário a novos rumos, segundo Vasconcelos (2007) ainda no livro citado acima.

Socialmente, a situação era de embate entre o sentimentalismo e a prosa do mundo, consequência da nova ordem socioeconômica onde o desafio para os romancistas era delinear a dinâmica social representada pela passagem de uma sociedade de status e privilégio para a outra de aristocracia do dinheiro, como mapeia Sandra Guardini Vasconcelos em sua obra *A Formação do Romance Inglês (2007)*. *Em se tratando da leitura e dos leitores dessa época o que percebemos é que, pela mudança provocada pela revolução industrial, atividades desenvolvidas anteriormente por mulheres tais como fiação, tecelagem e a produção de produtos de consumo, passaram a atividades desempenhadas pelos homens nas fábricas, conforme relata Sandra Guardini Vasconcelos, no capítulo Romance e construções do feminino, do livro A Formação do Romance Inglês (2007).*

2. Objetivos

O objetivo desse trabalho é buscar nos personagens de *Pride and Prejudice*, características do leitor do século XVIII, a maneira como a leitura se propagava e a crítica ao gênero mais propagado da época e também mais polêmico, o romance, bem como sua defesa por parte da autora.

3. Desenvolvimento

A leitura é representada em *Pride and Prejudice* através dos hábitos de leitura de seus personagens e dos juízos de valores que os mesmos fazem dos diferentes tipos de leitura.

Três membros da família Bennet são representados no romance como tipo de leitores de maneira mais clara, Mr. Bennet, Elizabeth e Mary.

Mr. Bennet representa um leitor assíduo demonstrado já no começo do livro quando o mesmo prefere ficar na biblioteca lendo um livro a ir ao baile de recepção dos Bingley e que permanece absorto na leitura até a volta da família Bennet do baile (cap. III).

O narrador descreve-o como um bom eleitor através da palavra “mergulhando” na leitura de um livro e através da perda da noção do tempo quando da prática da leitura.

Embora a frequência de Mr. Bennet à biblioteca possa ser olhada como uma fuga da dura realidade, o infortúnio do casamento, e sob esse ponto de vista, como descrito no cap. XV, o “sossego” e a “tranqüilidade” eram garantidos por esse cômodo da casa, que era considerado um refúgio e, apesar de Mr. Bennet não frequentar a biblioteca somente para leitura, mas também para acertar pedidos de casamentos, receber convidados, fugir das loucuras de sua mulher, escrever cartas, fechar negócios, não se pode negar que grande parte do tempo Mr. Bennet passava praticando o a leitura, tipificando um leitor que tinha o hábito da leitura e não que lia por ler, apenas para passar o tempo.

A autora utiliza o personagem para representar a classe com desenvolvimento social recente como cita H.J. Jackson em seu artigo “What was Mr. Bennet doing in his library, and what does it matter?”, onde cita o fato de Mr. Bennet nunca ter poupado dinheiro para o futuro da sua família após sua morte, e como não tinha vícios como citado acima, conclui que o dinheiro era gasto principalmente com o sustento da família e com a compra de livros.

Penso que o que Jane Austin tenta passar, no romance, através da ótica de Mr. Bennet é justamente o leitor que não aplica juízo de valor ao que lê, que compra e analisa todo tipo de literatura e que, independente que seja romance ou não, se for um bom livro, o compra e lê. Ainda na cena dos sermões, Jane Austin nos chama a atenção através da fala de Mr. Collins que ao pegar um romance ele não só o despreza, mas também fala que “tudo indicava pertencer a uma biblioteca ambulante”.

Quando enxergamos a posição de Mr. Bennet como a única referência de educação na família Bennet, enxergamos o papel da leitura, numa sociedade onde, os altos preços dos livros, a idéia de leitura como um privilégio de classes, o acesso restrito à escolaridade, o número insuficiente de escolas (demonstrado no capítulo XXIX quando Lady Catherine sugere que Elizabeth e suas irmãs devam ter tido lições na capital), fatos esses apontados por Vasconcelos (2007) para o lento crescimento de alfabetizados no século XVIII e, percebemos que Jane Austin constitui essa situação como uma crítica à sociedade vigente onde a educação era privilégio de poucos.

Mary, que representa outro tipo de leitor do século XVIII, é mostrada pelo narrador como uma leitora assídua, que não lê romances e sim “bons livros” (capítulo II), considerada pela vizinhança como a rapariga mais completa da região (capítulo III), que se considera sólida em suas reflexões (capítulo V), frequentemente encontrada no estudo na natureza humana (capítulo XII), dava opiniões a respeito de documentos como a carta de Mr. Collins (capítulo XIII), não perdia tempo com atividades “fúteis” como os passeios a Meryton que as irmãs mais novas faziam, a não ser que não atrapalhassem seu aperfeiçoamento (capítulos XV, XVII, XXXIX), que apresenta domínio perfeito sobre si mesma e que é tida pelas irmãs como muito esforçada em seus estudos (capítulo XLVII), que via como vantagem o casamento de Jane com Bingley o fato de poder frequentar a biblioteca de Netherfield (capítulo LV) e portanto, uma expressão de alguém que poderia se considerada intelectual e perfeitamente instruída.

Toda a representação da personagem pode ser vista como uma ironia àqueles que consideravam o romance como um gênero literário inferior e perigoso para os valores morais da época. Que consideravam livros como os Sermões de Fordyce superiores ao romance na construção do indivíduo como ser pensante e que, especialmente as mulheres, seriam afetadas por esse gênero que, pelo contrário, segundo Vasconcelos (1996), articulava e propagava um novo ideal de feminilidade, funcionando com um papel educativo.

Quando o narrador aponta uma Mary que apesar de ler incansavelmente, livros que não eram romances e mesmo assim não produz crescimento, não consegue ser ouvida, fala apenas através de máximas morais que não entende, se isola da sociedade, e não consegue expressar a sensatez no cotidiano quando é chamada a opinar sobre o que lê, ele está dando voz ao pensamento da Jane Austin no tocante aos críticos do romance.

Elizabeth não representa uma leitora “incansável” e superficial como sua irmã Mary, mas ao contrário da mesma, vê a leitura como algo natural e prazeroso, não como fonte de poder e de manipulação sobre os que o cercam e sim, como entretenimento e meio de adquirir educação. No diálogo em que Lady Catherine questiona sobre a educação dela e de suas irmãs fica claro que a intenção de Jane Austen é mostrar que a fonte de educação que as mesmas tinham advinha da leitura, já que não tiveram preceptora, e a viagem Londres para esse tipo de instrução não ocorria porque o pai detestava a capital (capítulo XXIX).

Elizabeth representa no romance a contra mão dessa visão, na medida em que expressa a independência da personagem, seu desenvolvimento como indivíduo, a busca pela verdade, a leitura crítica (a segunda leitura da carta de Mr. Darcy transformando sua opinião e confrontando seu erro de julgamento e por fim, desvendando uma nova personagem, flexível e profunda são marcas desse desenvolvimento) e principalmente, a busca do amor no casamento como alternativa de discussão das vantagens e desvantagens desse tipo de casamento em detrimento do casamento de conveniência como explica detalhadamente Sandra G. Vasconcelos no livro *A formação do romance inglês (2007)*.

O processo de amadurecimento da personagem reflete a intenção da autora de explicitar a nova visão dos romancistas, de abandonar o sentimentalismo batido de romance encomendado pelas bibliotecas circulantes, que, segundo Álvaro Pina (1996), retrata imagens superficiais da realidade humana não assegurando a construção de interioridade dos personagens e, portanto, não consegue abstrair os anseios de uma sociedade sem identidade.

O romance desempenha, portanto, um papel fundamental na mudança da percepção dos seus leitores, principalmente nas mulheres, no sentido de construir uma nova mentalidade no tocante à interpretação do comportamento, levando em conta o componente psicológico que permite uma leitura mais acurada do ser humano. Esse desenvolvimento é construído no romance, através da transformação de caráter pelo qual a protagonista passa.

Por fim, analisando Mr. Darcy como leitor e desvendando o que representa, chegaremos à tipificação do leitor que vê a leitura não como construção do subjetivo, como a busca de identidade ou como entendimento da realidade, mas como status, como assegurador da condição social e no caso do público feminino como oportunidade de sobrevivência através de um casamento.

O romance todo trabalha o preconceito de classes e tentativa de aproximação entre as mesmas, fato inevitável na sociedade vigente já que cada vez mais os aristocratas faliam e cada vez mais se ampliava a classe burguesa, que se enriquecia com a indústria e o comércio de produtos manufaturados.

Assim é que Jane Austen representa a resistência da aristocracia ao avanço da classe burguesa através da resistência de Mr. Darcy em reconhecer as características atraentes de Elizabeth. Quanto à leitura, o que se vê é que as bibliotecas circulantes permitiam a oportunidade àqueles que se disponibilizassem a fazer. A democratização da leitura estava no seu auge e o foco de crítica e questionamento no romance não é o acesso à leitura e sim que tipo de leitura a sociedade estava lendo e como essa sociedade se colocava frente ao romance, assunto bastante debatido no desenvolvimento acima.

4. Resultado e Discussão

O romance em questão caracteriza através de seus personagens os dois principais tipos de leitores do século XVIII. O que lia para ter instrução e manter a tradição e conseqüentemente o status e o que lia para entender a realidade em que vivia. Mr. Darcy é a personificação mais fiel do primeiro tipo onde o conhecimento tem a finalidade maior de produzir valorização do sujeito que lê frente à sociedade em que está inserido

Elizabeth personifica o segundo tipo, o leitor que descobre a leitura como ponte para entender o mundo que o cerca e valoriza o psicológico que se insere na individualidade do ser humano. Em meio a mudanças tão profundas o romance funciona como um guia para esses leitores que decidem, mesmo em meio a dificuldades de educação, buscar alternativas para mudar essa situação.

Através desse paralelo de personagens, do crescimento de cada uma no romance, a autora defende o gênero romance e ironiza os críticos desse gênero em questão.

Finalmente, a leitura é retratada no romance como um uma prática presente em praticamente todas as famílias retratadas no romance o que revela a situação dessa habilidade humana na sociedade da época.

5. Considerações Finais

Através dessa análise crítica concluímos que Jane Austen utiliza seus personagens para retratar o momento social e o estado de leitura da Inglaterra no século XIX. Ironiza o falso leitor retratado pela Mary e ressalta a leitura do gênero romance através de Elizabeth e denuncia a falsa motivação para leitura como forma de poder através de Darcy. Mr. Bennet representa o movimento de valorização do romance presente na época e portanto, a defesa do gênero no qual Jane Austen foi mestre.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Gualter (coord.). Estudos Ingleses: ensaios sobre língua, literatura e cultura. Coimbra, Minerva, 1996.

JACKSON, H.J. "What was Mr. Bennet doing in his library, and what does it matter?" In: <http://www.rc.umd.edu/praxis/libraries/jackson/jackson.html>.

VASCONCELOS, Sandra G. A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos. São Paulo, Hucitec, 2007.

_____. Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.